

**As Coleções e Curiosidades no Inventário de Caetano Luís de
Miranda: Um Estudo sobre Cultura Material e Práticas
Colecionistas**

Collections and Curiosities in the Inventory of Caetano Luís de
Miranda: A Study of Material Culture and Collecting Practices

Cenise Monteiro

Resumo

Os testamentos e inventários sucessórios constituem importantes repositórios de informação para a pesquisa histórica, pois oferecem subsídios essenciais para compreender hábitos, costumes e o contexto social e econômico de uma época, além de permitir inferências sobre aspectos da cultura material. Este artigo apresenta um estudo inicial do inventário do pintor Caetano Luís de Miranda, analisando a cultura material a partir dos bens arrolados. Esses objetos podem ser entendidos como itens colecionáveis, uma vez que o conjunto reúne peças singulares e curiosas, capazes de revelar diferentes coleções - ainda que de forma intuitiva — presentes no universo material do inventariado.

Palavras-chave: inventários; cultura material; Caetano Luís de Miranda; colecionismo.

Abstract

Wills and probate inventories constitute important repositories of information for historical research, as they provide essential evidence for understanding the habits, customs, and the social and economic context of a given period, while also allowing inferences about aspects of material culture. This article presents an initial study of the inventory of the painter Caetano Luís de Miranda, examining material culture through the listed possessions. These objects may be understood as collectible items, since the set includes singular and curious pieces

capable of revealing different collections—albeit intuitively—within the material universe of the inventoried individual.

Keywords: inventories; material culture; Caetano Luís de Miranda; collecting practices.

Caetano Luís de Miranda (1774-1837) foi um pintor e cartógrafo ativo, na Comarca do Serro Frio, especialmente na região do Arraial do Tejuco (atual Diamantina, Minas Gerais). Sua figura é notável por reunir habilidades técnicas e artísticas, pintou forros de igrejas, telas, estandartes e véus quaresmais. Esteve inserido em um contexto marcado pela mineração e pela presença da administração portuguesa. Foi um funcionário oficial com atuação no serviço da Intendência dos Diamantes, órgão responsável pela fiscalização da exploração diamantífera em Minas Gerais.

Seu Inventário *post mortem*¹ revela uma biblioteca sofisticada, com obras europeias de literatura, pintura/arquitetura e matemática, indicando uma formação erudita incomum para artistas da época. Além de revelar a biblioteca, o inventário também revela diversas outras facetas da vida de Miranda, incluindo a propriedade de móveis, louças e talheres com um serviço de mesa refinado, refletindo o cotidiano, os hábitos de consumo e o nível de sofisticação material de Caetano Luís de Miranda.

O inventário² que é feito após a morte, também chamado inventário *post mortem*, “e por ele os bens do morto são distribuídos conforme as disposições legais e sua última vontade, no caso de haver testamento. O ponto em comum é que ambos versam sobre os bens da pessoa e são regidos por leis específicas”³. O inventário *post mortem* designa não apenas o arrolamento ou a listagem dos bens chamados a colação, mas todo o processo judicial que envolve o direito de herança. Dessa forma, o

¹ Inventário de Caetano Luís de Miranda - Arquivo: Arquivo Histórico do Museu do Diamante – Bibl. Antônio Torres – Diamantina – MG. Localização: Cartório do 2º Ofício, maço nº 175. Inventariado: Caetano Luís de Miranda. Inventariante: Luiz Theodoro de Miranda. Data: 1837. Número de fólios: 128.

² Segundo a professora Júnia Furtado, 2009, p. 105/106 – inventários *post mortem* constituem ricas fontes para o trabalho do historiador. Por sua recorrência, ainda que cada documento seja único, são mais comumente, não somente utilizados de forma serial, apontando aspectos, tendências e valores de uma sociedade, como testemunhos tanto de sua cultura quanto de sua esfera material, ou seja, a cultura material.

³ FURTADO, Júnia FERREIRA. À morte como testemunho da vida. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 93.

inventário é o registro oficial do patrimônio deixado por pessoa falecida, do qual consta o tipo e o valor monetário dos bens acumulados ao longo da vida, bem como a lista de créditos [dívidas ativas] e débitos [dívidas passivas] pendentes.⁴

É de se supor que a vida da elite no Arraial do Tejuco era abastada e os objetos adquiridos eram elementos da cultura material presente nas casas mineiras durante o oitocentos e concluir sobre as linguagens sociais e os protocolos de usos e formas de conduta no ambiente rústico das Minas.

Todas as coisas podem ser colecionáveis, a depender do olhar do colecionador que pode ser um curador de obras de arte, um arqueólogo, museólogo ou mesmo um colecionador particular, sendo entendido que “a cultura material vista pelo colecionador particular, de modo intuitivo) e do “jeito” de montar a coleção de instrumentos líticos (a visão da materialidade cultural aos olhos de arqueólogos numa perspectiva teórico-conceitual).⁵ Nesse sentido, os arranjos das coleções “se dão a partir de critérios eleitos pelos seus colecionadores na materialidade cultural e identitária demarcada no horizonte”⁶ do colecionador particular ou do administrador da coleção – arqueólogo ou museólogo, por exemplo.

No caso particular deste estudo, o inventário é um valioso testemunho da cultura material, podendo-se considerar que a biblioteca, o mobiliário, a louça, os utensílios, os objetos de prata, as joias e a dedicação artes são elementos cotidianos da elite no Tejuco. Saint-Hilaire, durante sua visita ao Tejuco, em 1817, informa que

as lojas dessa aldeia são providas de toda sorte de panos; nelas se encontram também chapéus, comestíveis, quinquilharias, louças e vidros e mesmo grande quantidade de artigos de luxo, que causam admiração sejam procurados a uma tão grande distância do litoral.⁷

⁴ Ibidem, p. 103.

⁵ MARQUES, Marcélia; HILBERT, Klaus. Coisas colecionadas: um jeito (conceitual e intuitivo) de lidar com a cultura material. *Métis: história & cultura*; v. 8, n. 16. 2009, p. 46. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/949>. Acesso em: 25 fev 2026.

⁶ Ibidem.

⁷ SAINT-HILAIRE, AUGUSTE. Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil. Companhia Editora Nacional. São Paulo - Rio - Recife - Porto Alegre, 1941, p.38. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or311664/or311664.pdf. Acesso em: 20 mai 2025.

O colecionismo é objeto de interesse de diversas áreas do conhecimento e no caso em tela interessa a história e a construção dos contextos sociais e econômicos do personagem Caetano Luís de Miranda. Dessa forma, Gérard Wajcman⁸ ao escrever um ensaio sobre a psicanálise da coleção aborda percepções comuns sobre o colecionador, especificando que: o colecionador é motivado por objetos únicos que causam encantamento e distinção dentre os demais objetos; e qualquer coisa pode se tornar objeto colecionável, importando para a construção da coleção, que os objetos possuam o traço distintivo, reconhecido como único. O ato de colecionar encerra em si aspectos relativos à seleção, classificação e conservação dos objetos eleitos. Cabe observar que a coleção, por vezes, revela “traços do colecionador” – demonstrando aquilo que pode ser caro a ele. Nessa esteira, segundo o Wajcman, a coleção seria um “congraçamento de diversos objetos que vão junto”, não sendo apenas um amontoado de coisas, sem ordenação; a coleção precisa de ordenamento.

Uma outra abordagem da coleção é fornecida por K. Pomian, este autor entende que existem três elementos a serem considerados: “a relação entre o visível e o invisível nas coleções; a relação entre o valor de uso e o significado; e a construção do conceito de semióforo.”⁹ Pomian também irá enunciar itens teóricos que fundamentam a ideia de coleções. Dessa forma, “os objetos da coleção: não possuem finalidade utilitária; são objetos acumulados e expostos ao olhar, sem serventia decorativa; são cercados por proteções visando sua preservação futura; considerados inalienáveis, não obstante seu valor de mercado.”¹⁰

Interessante notar, os aspectos estabelecidos em oposição por Pomian, entendendo que há uma nítida oposição entre a utilidade do objeto e o seu preço,

⁸ GOMES, René. Lommez. História das Coleções: o conceito de coleções. TÓPICO ESPECIAL I - Objetos do Conhecimento: ciência e arte nas coleções do período moderno. UFMG, 05/09/2025.

⁹ Ibidem.

¹⁰ GOMES, René. Lommez. História das Coleções: o conceito de coleções. TÓPICO ESPECIAL I - Objetos do Conhecimento: ciência e arte nas coleções do período moderno. UFMG, 05/09/2025.

ou seja, de um lado o valor simbólico do objeto e por outro seu valor pecuniário. Dessa forma, objetos colecionáveis, devido ao seu valor inestimável, não podem ser utilizados. São semelhantes a obras de arte ou peças museais, sendo apenas expostos ao olhar, possuindo apenas esta finalidade de exposição e nenhuma outra finalidade utilitária.

Para o autor coleção seria: “qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para este fim e expostos ao local público.”¹¹ Entretanto, essa conceituação esbarra na realidade dos colecionadores viventes antes do século XIX, pois o pensamento na altura não se operava na relação utilidade x simbolismo.

No contexto da pesquisa em curso, é possível realizar uma reflexão acerca do emprego dos manuscritos, principalmente testamentos e inventários, como fontes históricas. Esses documentos são essenciais para a construção histórica do contexto social, cultural e econômico do respectivo personagem, bem como para avaliar seu envolvimento com colecionismo de modelo europeu.

No caso em tela, é possível realizar o contraponto entre a teoria sobre o colecionismo apresentada e o estudo do inventário *post mortem* do personagem Caetano Luís de Miranda. Dessa forma, a reflexão suscitou a associação entre os bens arrolados e elencados no inventário e o colecionismo, surgindo o questionamento sobre uma vertente colecionista por parte do pintor/funcionário real, que amealhou diversos objetos, constituindo uma coleção privada, segmentada em biblioteca, jóias, obras de arte e objetos laborativos, além de espécimes curiosos.

O aprofundamento sobre o estudo, permite inferir que inventários e testamentos “são produzidos no contexto da morte de uma pessoa – e esses documentos contêm ricas e variadas informações sobre múltiplos aspectos da

¹¹ Ibidem.

vida do morto, bem como sobre a sociedade em que ele viveu.”¹² Embora ambos sejam documentos *post mortem*, o testamento escrito ou ditado ainda em vida, terá seu conteúdo revelado após a morte, e este possui o registro das manifestações de última vontade e no contexto religioso dos séculos XVIII e XIX, em Minas Gerais, há uma série de recomendações sobre os ofícios e ritos religiosos a serem realizados e alguns itens sobre a distribuição da herança e pagamentos de dívidas. Já do Inventário consta o arrolamento dos bens e por meio dele haverá a distribuição dos bens aos herdeiros de acordo com o exarado no Testamento. Ambos os documentos versam sobre os bens e são regidos por legislações específicas, contudo o testamento não é obrigatório, mas o inventário sim. Em muitas ocasiões é possível se verificar a transcrição do testamento no processo de inventário.

A utilização de testamentos e inventários permite conhecer aspectos da vida privada, dos usos e costumes do morto, inclusive o hábito de colecionar objetos, formando coleções de livros, obras de arte, joias, gravuras, objetos de curiosidade, entre outros.

Ao longo dos séculos XVIII e XIX a extração aurífera e diamantífera na Comarca do Serro Frio e especificamente no Arraial do Tijuco proporcionou a existência de uma elite intelectual e endinheirada, esse contexto foi relatado pelos viajantes, especialmente por Mawe e de Saint-Hilaire, que destacam a opulência, luxo, fartura e erudição.

Nessa conjuntura viveu Caetano Luís de Miranda, que foi exposto em casa do boticário Antônio Pinto de Miranda, pelos idos de 1774. Personagem singular, foi irmão professo da Ordem de Cristo, membro da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz do Tijuco, funcionário da Intendência dos Diamantes, além de pintor e cartógrafo. A priori, a vertente artística se dava por diletantismo, prestígio e reconhecimento social.

¹² FURTADO, J. F. À morte como testemunho da vida - inventários e testamentos como fontes históricas. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **O historiador e suas fontes**. Editora Contexto. São Paulo, 2009.

De modo geral a elite intelectual do Arraial do Tijuco prezava por hábitos refinados, consumindo artigos de luxo e possuindo bibliotecas privadas. O estudo do Inventário de Caetano Luís de Miranda revela sua posição social de professo da Ordem de Cristo e detentor de inúmeros bens de alto valor pecuniário. Com as devidas proporções fáticas e contextuais Caetano Luís de Miranda poderia ser delineado como alguém, que possuía

uns hábitos sociais mais refinados, com protocolos de reação mais cuidadosos, com maior riqueza material que o entorno cotidiano, com um maior interesse pela cultura e educação, pela familiaridade com os clássicos e preocupação com a arte e uma certa piedade reflexiva frequentemente baseada na teologia.¹³

O inventário¹⁴ de Caetano Luís de Miranda pertence ao acervo da Biblioteca Antônio Torres - IPHAN, em Diamantina, e foi transcrito pela primeira vez pelo pesquisador Mateus Alves Silva¹⁵. O monte-mor resultado do arrolamento e avaliação dos seus bens “perfez 28:172\$980 (vinte e oito contos, cento e setenta e dois mil e novecentos e oitenta réis)”¹⁶, dado a vultosa quantia é possível inferir que Caetano Luís de Miranda era um homem rico. Os bens permitem deduzir que pertencia a elite intelectual, que gozava de luxos e privilégios. Contudo, além da biblioteca particular composta por 109 títulos e 351 volumes, o que por si já demonstra uma coleção, havia outros bens que formavam conjuntos de objetos, que podem ser agrupados por critérios específicos, formando uma grande coleção privada. Dentre inúmeros títulos dos livros, havia 34 volumes da coleção de História Natural por Buffon, indicando um interesse por História Natural, que muitas vezes está conectado ao hábito de colecionar curiosidades.

¹³ HERRERA, Antonio Urquizar. **El coleccionismo artístico de los condes de Santisteban del Puerto** (Jaén). Tradução nossa.

¹⁴ BAT - Biblioteca Antônio Torres – Inventário – maço 175 – 2º Ofício – 1837 – Caetano Luís de Miranda.

¹⁵ ARAÚJO JÚNIOR, Delson Aguinaldo de. Análise da produção pictórica da Capela do Senhor do Bom Jesus de Matozinhos na cidade do Serro. Monografia (Especialização em Cultura e Arte barroca) – Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Filosofia, Artes e Cultura. Ouro Preto, 2015.

¹⁶ SANTIAGO, Camila Fernanda Guimarães. Do Impresso à Pintura. Revista do Arquivo Público Mineiro. V. 48, Belo Horizonte: 2012.

Miranda possuía inúmeras joias e relógios¹⁷, tão bem descritas no Inventário que podem apontar para uma coleção composta por anéis, colares e brincos em ouro e pedrarias; sem perder de vista o fato de que joias podem ser instrumentos de reserva de dinheiro, além de artigo de luxo e ostentação; também há relato da presença de corais marinhos encastados em ouro – corais sugerem ser objetos de curiosidade. O inventário demonstra 55 quadros¹⁸ de variados temas, como retratos, episódios históricos e temas religiosos e ainda 62

¹⁷ Cordão e colares de Ouro: Dois cordões de ouro, Dois colares de ouro, Um rosário com contas de ouro, Uma corrente de relógio de ouro, Uns corais ingatados [sic] em ouro, Uns corais azuis ingastados em ouro, Uma liganda de ouro, Um botão de ouro, um alfinete de ouro com dezesseis brilhantes, um anel de ouro esmaltado com um brilhante, um anel de ouro com nove diamantes rosas, um anel de topázio com círculo de diamantes rosas, em ouro, um anel de turquesa com círculo de dez brilhantes, um alfinete de ouro com seis diamantes rosas, uma alfine [sic] com ouro diamantes, rosas cravados com prata, um par de brincos de topázios com trinta e oito diamantes rosas, um anel de esmeralda com dezesseis perolas no círculo cravadas com ouro, um anel de esmeralda com vinte perolas no círculo, um anel de água marinha com círculo de pérolas, um anel de topázios ingastados em ouro, uma abotoadeira de camisa de brilhantes em ouro esmaltado, um anel de ouro com quinze [grizolitas?], um anel de ametista com círculo de grizolitas brancas, um par de brincos de filigranas com quatro brilhantes lisos, um par de brincos de ouro, folhas de parreira, um anel de topázio do oriente liso, uma flor de ouro com quarenta e seis grizolitas e uma água marinha, um par de brincos de [?], um par de brincos com sessenta e quatro grizolitas, um par de brincos com pingentes de ametistas, um anel com uma grizolita, um par de [bixas] de estrelas, dois corações de pedra ingastados em ouro, quatro pentes de prata com pingos de água, um alfinete de cristal cravado em ouro, um par de fivelinhas de grivolitas boas, um par de fivelas de prata de grivolitas, um par de pulseiras de grivolitas, um coração com sua coroa de [marsa], uma compendente do hábito de Cristo de pedras incarnadas cravadas em prata, tres hábitos de Cristo de ouro esmaltado. Total: 833\$280 – Oitenta e três mil, duzentos e oitenta reis.

¹⁸ um quadro do Senhor do Orto, quatro quadros de moças nunas, com seus frisos dourados, um quadro apresentando Glamor – frisos dourados, um dito quadro de impressão de fumo, um quadro dourado com o retrato de Dom Pedro primeiro, um quadro dourado com o retrato de Napoleão, dois quadros, um de Luis XVI e outro de sua mulher, um quadro com frisos dourados representando Paulo Jonas, um quadro representando Bonaparte retirando-se para a Ilha de Santa Helena, quatro quadros grandes dourados, seis quadros de História Natural, com vidros, um quadro com o retrato do Padre Jerônimo, oito retratos de vários empregados, um quadro dourado com o retrato de uma velha pintado a óleo, um quadro com retrato de um velho com molduras douradas, um quadro com retrato de um moço com molduras douradas, seis quadros de moças, moldura redonda e dourada, dois quadros dourados da história de Viriato, um quadro da aliança de Baco, Vênus, um quadro Força do Amor, um quadro da Estatura Equestre com frisos dourados, um quadro de vista de paisagem, duas figuras um velho uma velha um Bento, um quadro mais pequeno, imprensa [?], vidro quebrado, um quadro de Santa Maria Madalena, dourado, seis quadros de meninas dourados, um quadro redondo de [fumo?] que dis [retijo?] de Nosso Senhor no Monte das Oliveiras, marxetado[sic] de mareperola[sic], um quadro pequeno da Senhora Santa Ana, um quadro da Sacra Família dourado, um quadro da Caridade dourado, um quadro do Santo Sudário.

estampas¹⁹, usadas para pinturas, podendo ser configurada uma coleção formada por quadros e estampas.

A leitura atenta do inventário permite observar que no item destinado aos objetos e utensílios da casa se destacam: “duas redomas de vidro com flores dentro, duas redomas de vidro com raridades dentro como Fisão[sic] passaros, flores e bichos” e ainda “seis conchas do mar sem valor algum.” Ora, estamos diante de minis gabinetes de curiosidades e de objetos colecionáveis pelos naturalistas da época. No momento, não é possível determinar Caetano Luís de Miranda como um especialista em História Natural, mas certamente era interessado em naturalismo e como um erudito que pretendia angariar prestígio e reconhecimento social, colecionava para ostentar riqueza, distinção e conhecimento intelectual perante a sociedade local.

Os objetos colecionados por Caetano Luís de Miranda eram, inclusive, utilitários, uma vez que as estampas e demais objetos que possuía tais como: esferas armilares, esferas celestes e agulhas de marear se prestavam aos ofícios da pintura e da cartografia desenvolvidos por ele. Não cabe, para o caso em tela, o conceito de objeto colecionável cunhado por K. Pomian, pois baseado no fundamento do objeto de mera exposição, não utilitário, sem valor pecuniário. No caso em análise, os objetos deveriam ser vistos por todos, mas não numa visão estática, era exatamente a variedade do uso, a profusão de trocas que angariava distinção e prestígio no meio social, e indubitavelmente poderiam ser objetos de negociações pecuniárias a critério do proprietário.

É possível mensurar que, a coleção com variedade de objetos, inclusive daqueles utilitários traz consigo uma dose de engrandecimento para o seu proprietário, demonstrando valor. Assim sendo, possuir é uma forma de angariar

¹⁹ três estampas, uma de Santa Rita, outra do Bom Pastor, outra do Redentor do Mundo, cinco estampas representando a vida de Napoleão, duas estampas grandes com vistas de Marinhas, oito estampas de países pequenos, duas estampas de santos, cinco estampas pequenas velhas de Reis de Portugal, duas estampas de charlatões, uma estampa de pescaria, quatro estampas da História de Dom Quixote, três estampas de fumo, quatro estampas pastoris, quatro estampas, de fumo, três estampas de Luis XVIII, três estampas representando a tarde, a aurora e a noite, tres estampas coloridas representando batalhas, duas estampas já rotas sem valor.

prestígio e respeito da sociedade local, bem como de amear distinção entre os pares e relevância entre superiores na hierarquia do serviço público – A Intendência dos Diamantes. A abundância de objetos profissionais diferentes pode demonstrar conhecimento, destreza e interesse na melhor execução dos ofícios da pintura e da cartografia; podendo o profissional oferecer produtos artísticos bonitos e confiáveis, além da demonstração de riqueza e poder asseverada pela coleção de joias e obras de arte.

Recebido em: 19/01/26 – Aceito em: 22/02/26

Referências bibliográficas

ARAÚJO JÚNIOR, Delson Aguinaldo de. **Análise da produção pictórica da Capela do Senhor do Bom Jesus de Matozinhos na cidade do Serro**. Monografia (Especialização em Cultura e Arte barroca) – Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Filosofia, Artes e Cultura. Ouro Preto, 2015.

FURTADO, J. F. À morte como testemunho da vida - inventários e testamentos como fontes históricas. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **O historiador e suas fontes**. Editora Contexto. São Paulo, 2009.

GOMES, R. L. História das Coleções: o conceito de coleções. TÓPICO ESPECIAL I - Objetos do Conhecimento: ciência e arte nas coleções do período moderno. UFMG, 05/09/2025.

HERRERA, Antonio Urquizar. **El coleccionismo artístico de los condes de Santisteban del Puerto (Jaén)**.

MARQUES, Marcélia; HILBERT, Klaus. Coisas colecionadas: um jeito (conceitual e intuitivo) de lidar com a cultura material. *Métis: história & cultura*; v. 8, n. 16. 2009. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/949>. Acesso em: 25 fev 2026.

SANTIAGO, Camila Fernanda Guimarães. Do Impresso à Pintura. **Revista do Arquivo Público Mineiro**. V. 48, Belo Horizonte: 2012.

SAINT-HILAIRE, AUGUSTE. **Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil**. Companhia Editora Nacional. São Paulo - Rio - Recife - Porto Alegre, 1941, p.38. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or311664/or311664.pdf. Acesso em: 20 mai 2025.

Fonte: BAT - Biblioteca Antônio Torres – Inventário – maço 175 – 2º Ofício – 1837 – Caetano Luís de Miranda.